

RESGATE DA IDENTIDADE

E que se derramem safiras, ametistas e esmeraldas, no obscuro erotismo de vida plena: porque na minha escuridão enfim treme o grande topázio, palavra que tem luz própria.

Apresentamos para esta publicação a última parte de um trabalho intitulado: A FASCINAÇÃO DO CALEIDOSCÓPIO — UMA LEITURA de ÁGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR. Nele procuramos mostrar a subversão operada pela voz do eu: a procura de uma instância única de definição de seu ser, que traduz também o desejo de um centro, resulta numa escrita fragmentada — expressão do Aion, tempo do devir — e da festa dionisíaca.

A numeração das páginas, depois das citações de ÁGUA VIVA, correspondem à edição da Artenova, Rio de Janeiro, 1973.

Assim como consideramos o eu do monólogo em seu desdobramento — o conceitual e o poético — um outro fator merece ainda ser verificado: a feiticeira. Ela se confunde, por um lado com o eu poético pelo tratamento imagístico da escrita, mas por outro, torna-se distinta, na medida em que constitui um registro próprio, de funcionalidade específica. Estamos considerando como registro da feiticeira todas as passagens em que o eu se entrega às cenas de sortilégio, aos rituais satânicos. Poderíamos resumi-las nesta declaração:

"Vivo a cerimônia da iniciação da palavra e meus gestos são hieráticos e triangulares." (p.22)

É exatamente sobre a figura da feiticeira que recai a fun-

cionalidade desse registro — a transgressão.

A história mostrou suficientemente o papel das mulheres pac-tuadas com o diabo: elas ameaçavam a ordem; instauravam um po-der paralelo ao do cristianismo; atuavam sobre a natureza pro-voçando tempestades, sol à meia-noite, períodos de seca; inter-feriam na saúde, na propriedade; conheciam drogas para o aborto, a não concepção, a impotência; finalmente eram a encarnação do mal, as transgressoras. O destino que lhes reservava uma socie-dade zelosa em manter a ordem e as religiões oficiais era natu-ralmente a tortura e a fogueira.

A feiticeira age no mundo do sagrado que é o das forças so-brenaturais, dos monstros, dos demônios, da magia — é o es-paço da transgressão.

Sagrado e profano são os dois aspectos complementares da atividade humana, a existência de um explicando-se pela existên-cia do outro.(1)

A interdição pertence ao mundo profano onde ela é necessá-ria para manter a ordem, o ritmo do trabalho, as diferenças de classes que definem o campo de ação do senhor e do escravo, os limites do comer, do beber, do ato sexual. Nele, o sagrado é mantido à distância, como ameaçador da regularidade dos costumes e do ritmo produtivo do trabalho.

A outra face da atividade humana constitui o mundo do sa-grado, o tempo da festa(2) É aí que a transgressão se cumpre: as diferenças se anulam, as barreiras são transpostas, instaura-se a exuberância, o desperdício, a liberdade desenfreada, a or-gia em todas as suas manifestações, uma explosão coletiva de pai-xões — é o reino de Dionísio. A festa é o tempo da renovação, do renascimento, ela prepara um mundo novo. A transgressão, en-

fim, é a passagem do mundo profano ao sagrado que é por excelência aquela da escatologia, que leva à cosmogonia.

Em ÁGUA VIVA a ação da feiticeira se exerce naquilo que anteriormente chamamos de excesso do sintagmático: uma enunciação que se torna obsessiva porque reiterativa e porque desvia a linha do conceitual — que em princípio deveria levar a uma conclusão de ordem lógica — para a circularidade de uma escrita que se nutre indefinidamente de si mesma. A feiticeira transforma sua enunciação numa festa, numa perpétua "orgia de palavras" e seu ato torna-se tanto mais transgressor quanto é do interior de um discurso também conceitual que ela desorganiza e confunde o logos levando-o — ídolo intocável — para o mundo sagrado da magia.

Distinguimos nos rituais dessa feiticeira duas finalidades, ou seja, o excesso a que se entrega na "festa de palavras" está voltado a si própria e à sua escrita.

Ultrapassando o limite do mundo profano que é aquele da organização, onde as formas estão fixadas e definidas, a feiticeira retorna ao caos como o lugar das possibilidades infinitas e se entrega ao ritual cosmogônico de si mesma. Aí, lugar sagrado onde se pronunciam as palavras mágicas, ela realiza o ritual de sua nomeação:

... bicho de cavernas ecoantes que sou
... sou palavra e também o seu eco
... sou sozinha
... sou orgânica
... sou o mundo
... sou implícita
... sou a morte
... sou tão simples
... sou anônima
... sou o proprio nome
... sou uma pergunta
... fragmentária que sou
... sou um ser concomitante
... sou ainda a rainha dos medas e dos persas
... sou diana a caçadora de ouro.
etc., etc.

A infinitude dessas formas provém da proliferação da linguagem, das possibilidades inesgotáveis da palavra no campo demarcado para a festa — a escrita.

As unidades regidas por "eu sou" constituem uma espécie de litania disseminada, obedecendo à regra básica do ritual, que é a repetição exaustiva do nome. A repetição com diferença ou diversidade de nomes que a sacerdotisa atribui a si mesma não tem como fundamento o cogito, segundo o qual cada predicado definiria mais precisamente o contorno do eu. Ao contrário, os múltiplos atributos explodem uns dos outros, preenchem um espaço ritualístico — a escrita, mas não desenham o perfil do ser, ou antes, definem pela não definição; a ausência de um é único para si é a sua marca indiscutível.

Nenhuma dessas formas é privilegiada, nenhuma delas contém a origem, a raiz primordial procurada pelo eu que assim se desloca de uma a outra. A variabilidade e incertezas do eu fogem a qualquer paradigma englobante que funcionasse como instância última de definição.

No tempo e no espaço da festa, o nome próprio desaparece — o eu inominável, não selado, não estigmatizado, é o grau zero do ser, aquele que pode receber as inúmeras nomeações que o ritual da escrita lhe atribui: a procura da origem, do centro, que é o mesmo que a procura de uma definição — expressa em "quero captar o meu é" — só encontra seu termo definidor, ou seja, resgata sua identidade, na festa, que é a sua enunciação.

A "caverna", imagem tão reiterativa no texto, é o espaço ilhado, sagrado, onde tem lugar a magia. Sua isotopia é o caleidoscópio, cujo traço comum com aquela é o espaço fechado, a circularidade. De todas as conceituações do eu sobre si mesmo e

sua escrita, cremos que esta é a mais abrangente:

Esta palavra a ti é promíscua? Gostaria que não fosse, eu não sou promíscua. Mas sou caleidoscópica: fascina-me as minhas mutações faiscantes que aqui caleidoscopicamente registro. (p.40)

A metáfora do caleidoscópio remete à dimensão narcísica, uma vez que ela contém a idéia de auto-contemplação do eu em imagens provisórias e inesgotáveis. A palavra é o toque mágico que faz girar o caleidoscópio, surgindo novas configurações do eu. Percebemos aí a postura narcísica, tal como Freud a descreve ao tratar da vida anímica infantil e primitiva.

Na verdade, a vida anímica infantil e primitiva mostra certos traços que apresentados isoladamente seriam atribuídos a megalomania: uma super valorização do poder de seus desejos e atos mentais, a "onipotência das idéias", uma fé na força mágica das palavras e uma técnica contra o mundo exterior — a "magia" nos é apresentada como uma aplicação conseqüente de tais premissas megalômanas.(3)

"Caverna", pois, revestida de espelhos movediços e estilhaçados que multiplicam ao infinito as combinações de uma imagem errante. Em cada pedaço do espelho uma face diferente, um modo diverso de ser. Percorrendo a cadeia exaustiva marcada pelo "eu sou", o atributo que lhe é conferido pela linguagem se esfacela na pluralidade de significantes que são as máscaras inalienáveis do eu.

O espaço e o tempo mágicos são também aqueles onde a feiticeira produzirá sua escrita.

O sabã constitui o registro de ÁGUA VIVA que mais diretamente revela a natureza de sua escrita e o seu lugar na ordem de uma cultura. Rituais de criação dentro da noite, que é também a hora das bruxas e dos demônios, a hora do mistério e da transfiguração. Se essas passagens elaboram o processo de um retorno aos tempos primordiais, aquilo que é anterior às gran-

des classificações lógicas que determinaram o homem ocidental, elas exprimem, pois, a problemática de um discurso que tenta se desembaraçar das malhas de uma rede ideológica logocêntrica.

O logos, ao formular a linguagem como signo arbitrário, consequentemente organiza o mundo e submete-o ao seu império. Exceder essa ordem é lançar-se diretamente no caos — espaço onde os contrários coexistem; seu tempo é originário, quando nada ainda se ordenou em classificações e proibições: intelecto e sentidos, escuridão e claridade, nascimento e morte, medo e alegria, répteis e pássaros, flores e cipós — eis o mundo da feiticeira Clarice. Uma metáfora que leva a outra, que se desdobra numa metonímia, que se transforma num aforismo, explicado por outra metáfora que se prolonga numa metonímia e assim por diante, fechando-se o círculo mágico no interior do qual a bruxa exerce seus poderes. A transgressão consiste assim em transpor a palavra do mundo profano para o sagrado onde a festa se realiza, onde a subversão tem lugar:

Lugar das origens, a festa é também o lugar de troca; é aí que o louco, a criança, a mulher possuem a palavra e sobretudo o poder que não lhes é dado no real cotidiano. (4)

A feiticeira retorna às origens exorcizando a palavra que só será dada à mulher se ela mesma se re-inaugurar. O eu torna-se a sacerdotisa de seu próprio ato de iniciação:

Minha noite vasta passa-se no primário de uma latência. A mão pousa na terra e escuta quente um coração a pulsar. Vejo a grande lesma branca com seios de mulher; é ente humano? Queimo-a em fogueira inquisitorial. Tenho o misticismo das trevas de um passado remoto. E saio dessas torturas de vítima com a marca indescritível que simboliza a vida. Sacrifico animais para colher-lhes o sangue de que preciso para minhas cerimônias de sortilégio. Na minha sanha faço a oferenda da alma no seu próprio negrume. A missa me apavora a mim que a executo. E a turva mente domina a matéria. A fera arreganha os dentes e galopam no longe do ar os cavalos dos carros alegóricos. (p.45)

A feiticeira subverte-se contra o que há de mais "natural" em nossa cultura: ela entrega seu corpo pelo prazer e pela volúpia, é a conhecedora de drogas e ritos pelos quais pode gozar sem conceber.

Não concebendo, ela frustra o homem e o ameaça, porque se nega a reproduzi-lo, a perpetuar a ordem de sua palavra; devora assim o homem e o sêmen torna-se a portadora da semente: a palavra-falo:

"Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra." (p.13)

"Finco a palavra no vazio descampado: é uma palavra como fino bloco monolítico que projeta sombra. E é trombeta que anuncia." (p.57)

Essa é a palavra que traz o sopro criador de Dionísio. O deslocamento contínuo do eu de uma série a outra, sem ocupar um lugar definitivo, distancia-o da dialética. E nisso está a fundamental diferença entre as duas bruxas — Medéia (que citamos no início deste trabalho) e Clarice. A primeira encontrou no seu discurso sofisticado, segundo Nietzsche,⁽⁵⁾ o termo de uma dialética que se transformou em ação e resolveu o seu conflito. Clarice não instaura a dialética, ela vive da aspereza do paradoxo de sua própria fala que, por isso, se prolonga indefinidamente na festa dionisíaca.

O eu-bruxa é também a grande devoradora. Tudo aquilo que é excesso na categoria do logos — e que deve ser eliminado, como o inútil e o arbitrário que obscurecem o pensamento e ameaçam a ordem — é exatamente disso que se alimenta a sua escrita:

A liturgia dos enxames dissonantes dos insetos que saem dos pântanos nevoentos e pestilentos. Insetos, sapos, piolhos, moscas, pulgas e percevejos — tudo nascido de uma corrupta germinação malsã de larvas. E minha fome se alimenta desses seres putrefatos em decomposição. (p.49)

A imundície, o resíduo impuro são ingeridos para se transformarem em princípio de energia e de uma nova ordem. Todo esse mundo subterrâneo e ameaçador, condenado pela organização e clareza apolíneas, torna-se a grande força dionisiaca, transgressora e por isso renovadora, libertadora da mente acorrentada às classificações estanques, e portanto mortas, do homem ocidental cartesiano.

Clarice-feiticeira circunscreve; traça um círculo mágico em torno de sua palavra para que ela possa se destacar sobre o fundo uniforme de uma palavra oficial, aquela cuja história carrega, transmite e avalia o discurso masculino. Na solidão do monólogo, na aspereza da gruta, no espaço do caleidoscópio, ela toca a ÁGUA VIVA que tortura, queima, fere e marca de pura alegria inaugural os adeptos de Dionísio.

NOTAS

- 1 La transgression excède sans le détruire un monde profane, dont elle est le complément. La société humaine n'est pas seulement le monde du travail. Simultanément — ou successivement — le monde profane et le monde sacré la composent, qui en sont les deux formes complémentaires. Le monde profane est celui des interdits. Le monde sacré s'ouvre à des transgressions limitées. C'est le monde de la fête, des souverains, des dieux. (Os grifos são do autor)

BATAILLE, Georges. L'Erotisme. Paris, Ed. Minuit, 1957, p. 76.

2. On comprend que la fête, représentant un tel paroxysme de vie et tranchant si violemment sur les menus soucis de l'existence quotidienne, apparaisse à l'individu comme un autre monde, où il se sent soutenu et transformé par des forces qui le

dépassent. Son activité journalistique, cueillette, chasse, pêche ou élevage, ne fait qu'occuper son temps et pourvoir à ses besoins immédiats. Il y apporte sans doute de l'attention, de la patience, de l'habileté, mais plus profondément, il vit dans le souvenir d'une fête et dans l'attente d'une autre, car la fête figure pour lui, pour sa mémoire et pour son désir, les temps des émotions intenses et de la métamorphose de son être.

CAILLOIS, Roger. L'Homme et le Sacré. Paris, Ed. Gallimard, 1950, p. 125.

3. La vida anímica infantil y primitiva muestra, en efecto, ciertos rasgos que si se presentaram aislados habríam de ser atribuidos a la megalomanía: una hiperestimación del poder de sus deseos y sus actos mentales, la "omnipotencia de las ideas", una fe en la fuerza magica de las palabras y una técnica contra el mundo exterior, la "magia", que se nos muestra como una aplicación consecuente de tales premisas megalómanas.

FREUD, Sigmund. Introducción al Narcisismo. In: Obras Completas, Tomo II. Tradução direta do alemão por Luiz Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid. Ed. Biblioteca Nueva, 1973, p. 2018.

4. Lieu des origines, la fête est aussi lieu d'échange: le fou, l'enfant, la femme y ont la parole et surtout la maîtrise qu'ils n'ont pas dans le réel quotidien."

C. CLEMENT et H. CIXOUS. Première partie: "La Coupable", par Catherine Clément. In: La Jeune Née. Paris. Union Générale d'Éditions, 1975, p. 55.

5. Qu'as-tu voulu faire, criminel Euripide, en obligeant ce mourant à t'obéir une dernière fois? Il (Dionysos) est mort sous tes

mains brutales. (...) Et comme tu avais abandonné Dionysos, Apollon t'abandonna aussi; tu avais beau faire appel à toutes les passions et les enfermer dans ton cercle magique, aiguïser et limer pour les discours de tes héros une dialectique sophistique, tes héros eux-mêmes n'ont que des passions simulées et masquées.

NIETZSCHE, Frederich. La Naissance de la Tragédie. Paris.
Ed. Gallimard, 1949, p.58.